

A GREVE DOS OPERÁRIOS NAVAIS DE NITERÓI NO CONTEXTO DO PRÉ-SAL

Sonia Lucio R. de Lima*
Universidade Federal Fluminense

Lilian de S. L. Matias**
Universidade Federal Fluminense

O modo capitalista de produção forja formas particulares de objetivação da vida social que estão materializadas de forma desigual e combinada nos diversos países e regiões do planeta. Nas particularidades de cada formação social, encontramos uma síntese de múltiplas determinações sociais que contém as marcas do universal e, ao mesmo tempo, de singularidades. Pretendemos neste texto apresentar uma análise de um momento singular na história dos operários navais de Niterói, estado do Rio de Janeiro: a greve de 2012. É nossa intenção demonstrar que esta greve, por ter sido construída com base num processo de rebelião da base da categoria à orientação da diretoria do sindicato, anuncia o início da reação dos trabalhadores brasileiros às direções sindicais que operam como correia de transmissão do governo do Partido dos Trabalhadores, cuja posse do primeiro mandato foi em 2003.

A greve ocorreu doze anos após a reestruturação da indústria naval no Brasil. Esse processo foi realizado para superar a crise dos anos 1990 que levou a indústria naval brasileira a um profundo declínio produtivo. Para compreender a importância desse movimento grevista na história recente dos operários navais de Niterói, faz-se necessário uma breve descrição da organização dessa categoria no contexto da reformulação da indústria naval no país.

* Sonia Lucio R. de Lima é professora da Escola de Serviço Social da Universidade Federal Fluminense.

** Lilian Matias é mestranda em História na Universidade Federal Fluminense.

Do novo sindicalismo à crise e retomada da indústria naval

No final dos anos 1970, a crise do petróleo – principal suporte da indústria naval e do setor de navegação – afetou o comércio exterior principalmente na área de importações. Para conter gastos públicos, o governo federal diminuiu o financiamento às empresas que faziam encomendas aos estaleiros. Além disso, o fato da indústria naval instalada no Brasil ter perdido a capacidade de competir no mercado estrangeiro por ter navios mais caros, maiores e menos especializados levou à perda da concorrência com os produtos melhores e mais baratos da Coreia do Sul, Japão e China.¹

Como medida para enfrentar a crise, os empresários organizados no Sindicato Nacional da Indústria da Construção e Reparo Naval e Offshore (SINAVAL) pressionaram o governo para incluir a venda de navios nos pacotes de exportação e impulsionaram uma “campanha contra a estatização”. A perspectiva de lançamento de mais um Plano de Construção Naval no final da década de 1970, tornou público um debate entre os que defendiam como saída para a crise a intervenção do Estado e os que lutavam pela autonomia do setor em relação ao Estado e queriam a liberação das importações de navios.

No período da crise econômica da ditadura empresarial-militar de 1964 os trabalhadores brasileiros começaram a mostrar cada vez mais sua insatisfação. Em Niterói, no ano de 1978, os metalúrgicos iniciaram campanha por abono salarial organizada por comissões por local de trabalho, o que se confrontava com a estrutura sindical controlada pelo Estado. Tal experiência estimulou uma mobilização crescente na categoria que culminaria na greve de 1979, a primeira do setor naval desde o golpe militar. A pauta de reivindicações abarcou a retomada dos direitos perdidos pelos operários navais em 1964 e os trabalhadores aderiram massivamente à paralisação.² A

¹ Observamos que após a II Grande Guerra, ocorreu uma mudança da localização geográfica da indústria naval dos países com maiores custos do trabalho, como os da Europa Ocidental e Estados Unidos, para países com menores custos, como Japão, depois, a Coreia do Sul, e, recentemente, para a China, que passou a despontar como grande produtora. (LACERDA, Sandes Magalhães, Oportunidades e Desafios da Indústria de Construção Naval. In: Revista do BNDES, vol. 10, n. 20, dez. de 2003.)

² A categoria dos operários navais foi das mais combativas nas mobilizações da década de 1950. Para quebrar sua organização, o Ministério do Trabalho da ditadura empresarial-militar reenquadrou os operários navais como metalúrgicos. Os trabalhadores se viram divididos quando o grosso dos operários navais veio a se filiar ao Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Niterói e Itaboraí. Nesse processo, perderam todas as reivindicações conquistadas ao longo da década anterior. Essas reivindicações constaram da pauta na greve de 1979.

greve fazia parte de um movimento mais amplo em todo o país que ficou marcado como “novo sindicalismo”³.

Resulta desse processo a vitória nas eleições sindicais dos metalúrgicos de Niterói na década de 1980, quando os trabalhadores organizadores do movimento no interior das fábricas tiraram os “pelegos” da direção. Desde então, a experiência e a perspectiva política dos operários navais de Niterói estavam marcadas pela dimensão da luta e pela clareza da necessidade de unidade da classe. Essa disposição ficou nítida quando se tornam o primeiro sindicato de metalúrgicos do estado do Rio de Janeiro a deliberar por sua filiação à Central Única dos Trabalhadores, fundada em 1983.

Porém a derrocada interna da indústria naval brasileira – gerada pela forma de operar o sistema de mecanismo de financiamento à compra de navios nos estaleiros nacionais, potencializada pela crise mundial desencadeada pelo segundo choque do petróleo em 1979 e pelo aumento dos juros internacionais – trouxe graves consequências para a economia brasileira e para os trabalhadores. Em 1984, veio à tona o “escândalo” da SUNAMAM. Foram suspensas as cartas de créditos a bancos nacionais e estrangeiros e os estaleiros passaram a não obter garantias de empréstimos para encomendas, o que levou algumas indústrias à falência e provocou demissão em massa.⁴

O encolhimento de uma atividade com papel relevante na geração de empregos e de estímulo a outros segmentos industriais gerou não só uma forte redução de navios brasileiros, o que aumentou gradativamente o nível de afretamento de embarcações estrangeiras, como provocou abalos no conjunto da economia. Neste período, a produção do setor ficou praticamente restrita às atividades de reparo naval e, escassamente, à fabricação de embarcações de médio porte.

³ O “novo sindicalismo” é o termo como ficou conhecido o processo de reorganização dos trabalhadores a partir do final da década de 1970 tanto na academia, quanto no próprio movimento social, em contraposição ao sindicalismo da ditadura e anterior ao golpe. Ricardo Antunes define o “novo sindicalismo” como um movimento que a partir da sua atuação por dentro da estrutura sindical iniciou um processo de mudanças como: “a retomada das ações grevistas, a explosão do sindicalismo de assalariados médios e do setor de serviços, o avanço do sindicalismo rural, o nascimento das centrais sindicais, as tentativas de consolidação da organização dos trabalhadores nas fábricas, os aumentos nos índices reais de sindicalização, (...) etc.” (ANTUNES, R. *O novo sindicalismo*. São Paulo: Brasil Urgente, 1991, p.11.). A respeito, ver: MATTOS, M. *Novos e Velhos Sindicalismos* - Rio de Janeiro (1955-1988). Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 1998.

⁴ As dívidas dos estaleiros foram estimadas em US\$580 milhões. Em 1984, o governo decidiu não reconhecer o aval da Sunamam e foi iniciada a apuração das irregularidades.

Ao longo da década de 1990, houve tentativas de reestruturação das empresas da indústria naval que, contudo, esbarraram em dificuldades de financiamento. Importante ressaltar que por ser mais econômico à época fabricar navios fora do país, o governo passou a priorizar a importação, o que contribuiu para que alguns estaleiros fechassem ou passassem a funcionar apenas para obras de reparos de navios. Isso gerou mobilização em defesa da retomada do investimento no setor, que envolveu o governo do estado, empresários e membros dos sindicatos dos Metalúrgicos de Niterói, do Rio de Janeiro e de Angra dos Reis, que exerceram pressão sobre parlamentares e governo federal.

Durante a crise, parte dos operários expulsos do mercado formal das empresas foi posteriormente reabsorvida em condições precárias de trabalho por empreiteiras e “cooperativas”. O aumento da taxa de desemprego – que chegou a 50% –, bem como a instabilidade no trabalho e constantes ameaças de demissão em caso do envolvimento em atividades sindicais, acarretaram o recuo da mobilização sindical. Além disso, as empresas limitaram o contato da diretoria do Sindicato com a categoria por meio da proibição da entrada dos representantes sindicais em todas as plantas, da desativação de Comissão de Trabalhadores e da cooptação de diversas lideranças que atuavam nos locais de trabalho. Ao final da década, o sindicalismo de confronto protagonizado nos anos 1980 pela CUT foi substituído por uma concepção de conciliação de classe com o empresariado. É ilustrativo desta mudança de orientação a participação de representantes da Central nas Câmaras de negociação que reúnem empresários, governo e trabalhadores, nas quais cedem direitos ao Capital em troca da falácia da manutenção de empregos. A adoção dessa postura defensiva está relacionada à mudanças de orientação política da maioria da direção da Central, mas também à conjuntura econômico-social da época.

A crise do chamado socialismo real e o avanço das reações burguesas à crise do capital provocam profundas alterações na história mundial e brasileira. No Brasil, em 1989, com a derrota de Lula, metalúrgico que disputava a presidência da república, e a vitória de Collor, teve início a implementação do neoliberalismo e da reestruturação produtiva. No Rio de Janeiro, a década de 90 foi palco dos enfrentamentos contra as privatizações das estatais. A CUT-RJ, então, já dirigia cerca de 70 sindicatos e se posta como vanguarda dessa luta. O sindicato dos metalúrgicos de Niterói teve papel importante neste contexto. Porém, conforme mencionado, as mudanças econômicas e

políticas ocorridas nessa década afetaram o sindicalismo combativo e o sindicato dos metalúrgicos do município em particular.

Nos primeiros anos do governo de Luiz Inácio da Silva (2003) ocorre a retomada da indústria naval. Essa retomada foi possibilitada por meio dos seguintes mecanismos: internacionalização do setor petrolífero⁵; associação entre as empresas estrangeiras e brasileiras; perspectivas de exploração *offshore* do petróleo e renovação da frota da Petrobras a fim de garantir maior autonomia e controle do transporte da produção; a construção dos navios no Brasil e a garantia de modernização e construção de estaleiros.⁶ Além disso, a maior facilidade para os donos dos estaleiros adquirirem empréstimos em bancos públicos com base em condições atrativas (pagos em até 20 anos com taxas de juros reduzidas) foi condição crucial para o ressurgimento do setor naval.

A *tabela 1*, em apêndice, demonstra o crescente aumento de recursos públicos destinado ao setor entre 2005 e 2012.

Diante da iminência da exploração de petróleo da camada de pré-sal até 2020 e com base no vultuoso aumento de investimento público no setor, os empresários da indústria de óleo e gás previram dobrar a participação no Produto Interno Bruto (PIB) nacional brasileiro – passando de 10% para 20% – enquanto o segmento naval e *offshore* estimava faturar US\$ 15 bilhões por ano até o período mencionado. O Rio de Janeiro, maior produtor de petróleo do Brasil, deveria responder por metade desse valor, o que traria impactos auspiciosos para a indústria naval de Niterói.⁷

Para atender a esta demanda, alguns estaleiros se especializam na construção de petroleiros e embarcações de apoio marítimo e outros setores econômicos entram neste mercado, dentre eles fundos de investimentos, grandes empreiteiras, grupos ligados ao agronegócio internacional e investidores do setor em Cingapura, Coreia do Sul, Noruega e EUA. Ao longo de 2012, o empresariado afirmava haver 60 mil trabalhadores empregados no setor.⁸

⁵ A Petrobrás é uma companhia integrada que atua na exploração, produção, refino, comercialização e transporte de petróleo e derivados, no Brasil e no mundo.

⁶ Disponível em: <<http://fatosedados.blogspotrobras.com.br/2011/03/25/promef-transpetro-recebe-propostas-construcao-navios/>> Acesso: 15 jul. 2014.

⁷ Dados disponíveis em: <<http://www.fonseca.soumaisniteroi.com.br/noticias/55-estado/1645-oportunidade-mais-empregos-no-setor-naval-do-estado.html>> Acesso em: 15 de jul. 2014. Ilustram melhor a expectativa do setor do que o cenário atual na área naval.

⁸ Dados disponíveis em: <<http://www.petroleoenergia.com.br/petroleo/navalshore-exploracao-de-oleo-e-gas-da-novo-impulso-a-industria-naval/>> Acessado em: 15 de jul.2014 e <

Tais dados demonstram que, especialmente em tempos de crise do capital, a produção e a realização do valor têm requisitado que o Estado se aproprie crescentemente de parcela significativa da mais-valia socialmente produzida para assegurar as condições gerais de produção e reprodução do capital.

Ao longo desse processo de crise e retomada do setor ocorre, conforme afirmado, uma mudança na orientação política do grupo dirigente do Sindicato dos Metalúrgicos. No relato de representantes da oposição há críticas de que a atuação do grupo passou a ser fortemente marcada pelo assistencialismo⁹ e de que passaram a ser privilegiadas negociações pontuais e imediatistas em detrimento da mobilização da categoria no combate à precarização das condições de trabalho.

Segundo Pinto¹⁰, a diretoria do sindicato procura inibir a organização de mecanismos de confronto com o patronato e aposta nos processos de negociação sem mobilização. Ao mesmo tempo, propaganda de forma acrítica a política industrial adotada pelo Governo Federal. Ao fazê-lo, oculta os interesses capitalistas assegurados por esta política e apregoa a falácia da possibilidade da democratização do capital.¹¹ Todavia, este modelo de atuação sindical não tem sido exercido sem objeções e resistências, conforme ilustra a realização da greve de 2012.

É greve!

Na assembleia realizada no dia 30 de maio de 2012 para discutir a campanha salarial, os metalúrgicos de Niterói e Itaboraí entraram em greve. Esta foi a primeira greve unificada em muitos anos, abarcando trabalhadores de seis estaleiros. A diretoria do Sindicato mostrou-se contrária à paralisação e propôs que a os trabalhadores aguardassem o andamento das negociações com os patrões.

A pauta de reivindicações dos trabalhadores consistia em: aumento salarial de 16%; aumento no valor do vale-refeição de R\$140,00 para R\$350,00; maior segurança no ambiente de trabalho, plano de saúde com desconto simbólico em folha e pagamento da Participação nos Lucros e Resultados (PRL).

<http://www.portosenavios.com.br/industria-naval-e-offshore/15166-industria-naval-esta-preparada-para-crescer-diz-abenav>> Acesso em: 15 de jul. 2014.

⁹ PINTO, M. Libertas, Juiz de Fora, v.3, n.2, p. 17 - 32, jan-jun / 2009 – ISSN 1980-8518

¹⁰ Idem.

¹¹ Idem.

A proposta do patronato era de reajuste de 7,5%. Ao apresentar essa proposta à assembleia, os diretores foram vaiados e alguns dos trabalhadores jogaram lixo no carro de som onde se encontravam os diretores. A categoria demonstrava sua insatisfação e repulsa à postura conciliadora e com o autoritarismo dos dirigentes que não permitiam que os representantes da oposição se pronunciassem durante a assembleia. Diante do clamor da categoria pela deflagração imediata da greve, a diretoria foi obrigada a declarar a paralisação do encontro.

Nesta assembleia foi eleito um comando de greve, cujos integrantes eram, em sua maioria membros da oposição à diretoria atual. Em suas declarações aos órgãos de imprensa, os representantes do patronato e a diretoria do sindicato afinaram seus discursos no sentido de desmoralizar a greve. Alegavam que a oposição estava à frente das mobilizações para fazer “propaganda eleitoral” e que eram instrumentalizados por partidos de oposição ao governo federal.

A partir do primeiro dia de greve, iniciou-se uma prática que marcou a mobilização dos trabalhadores durante o período da paralisação. Os trabalhadores realizavam piquetes na porta dos estaleiros de Niterói, seguidos de passeatas que culminavam em assembleia na praça em frente à sede do sindicato, mantido trancado durante a paralisação. A diretoria não participou do processo grevista.

Era evidente, mesmo nas reportagens da mídia burguesa, a crise política que assolava o sindicato. Uma das questões abordadas ao longo de todo o processo de greve foi a suspensão das eleições para a direção do Sindicato dos Metalúrgicos de Niterói e Itaboraí, que deveriam ter acontecido dia 10 de fevereiro de 2012. A Comissão eleitoral, controlada pela diretoria, alegou que parte dos membros da chapa não eram filiados e a oposição ingressou na justiça para tentar garantir sua participação no processo eleitoral.

Em 1 de junho de 2012, os trabalhadores foram informados em assembleia que estava prevista uma audiência no Ministério do Trabalho para o dia 04 de junho corrente. Tratava-se da primeira reunião entre a classe patronal e a categoria. No dia da audiência, da qual participaram representantes dos trabalhadores eleitos pela base, houve uma manifestação às portas do Sindicato patronal.

Elegeram-se comissão com membros de todos os estaleiros em greve para acompanhar a audiência. Participaram da reunião integrantes da oposição sindical de esquerda e membros da diretoria, cuja presença foi aceita pela categoria como exigência legal. Durante a audiência, o juiz não permitiu que representantes da oposição apresentassem as reivindicações da categoria. Integrantes da oposição mencionaram que

ficaram surpreendidos com o grau de concordância entre patrões e representantes da diretoria do sindicato. Nesta, o representante do sindicato sugeriu o julgamento da ilegalidade da greve. A audiência terminou sem acordo e uma nova sessão foi marcada para a semana seguinte.

A respeito da postura da diretoria nessa audiência, um dos membros da oposição afirmou:

Os metalúrgicos foram traídos. O presidente do sindicato entregou tardiamente a declaração da greve para a patronal e querem declarar a greve ilegal. É uma revolta muito grande, foi um episódio lamentável.¹²

Na audiência do dia 10 de junho, o juiz apresentou uma proposta de reajuste salarial de 8% e ticket refeição de R\$190,00, e respaldou a proposta do SINAVAL de negociar, separadamente, com a categoria em cada estaleiro. Os metalúrgicos não aceitaram a proposta, mas os representantes dos estaleiros sustentaram que só iriam negociar se a greve acabasse.

No dia 16 de junho, em uma assembleia cerca de 1500 participantes, deliberou – se pela suspensão da greve geral e por manter paralisações por empresa para pressionar pelo alcance do aumento do que foi proposto na referida audiência. Avaliou-se que embora tenham conquistado aumento no reajuste proposto inicialmente e ainda que a categoria se mantivesse mobilizada, a possibilidade do julgamento da ilegalidade da greve poderia vir a trazer sérios prejuízos. Dois dias depois, o Tribunal Regional do Trabalho reafirmou a decisão apresentada em 10.06 e julgou a greve ilegal.

No dia 03 de julho, os metalúrgicos do UTC Engenharia, no Barreto, paralisaram suas atividades. Sob a direção da oposição, conquistaram 10% de reajuste salarial, aumento do valor do vale refeição e abono dos dias de greve. Graças à mobilização firme dos trabalhadores, entre os dias 09 e 13 de julho, os estaleiros STX e Enaval tiveram de readmitir os 43 trabalhadores demitidos por justa causa. Conquistaram 9% de aumento salarial, vale refeição de R\$210,00, desconto em 50% dos dias de greve.

¹² SAMPAIO, J.; VIEIRA, L. Greve dos metalúrgicos de Niterói continua até a próxima segunda-feira: Audiência de Conciliação no Tribunal Regional do trabalho fracassa e trabalhadores prometem continuar com o movimento até a próxima reunião, na semana que vem. *O Fluminense*, Niterói, 05 jun. 2012. Disponível em:< <http://www.ofluminense.com.br/editorias/cidades/trabalhadores-da-industria-metalurgica-vao-ate-o-centro-do-rio-para-protestar>>. Última visualização em 13 fev. 2012.

No estaleiro Mauá, dois militantes foram ameaçados de demissão por justa causa, enquanto dois outros foram afastados, sem salários. Eram militantes da chapa da oposição, sendo um cipeiro. Houve campanha entre os sindicatos do serviço público, em greve no período, assim como de Centrais Sindicais de luta, pela readmissão desses trabalhadores e também para contribuir com ajuda financeira, mas o estaleiro foi irreduzível.

A avaliação que militantes da oposição fazem é que esse movimento grevista pode ser comparado à greve de 1979 em termos de força e organização política. Ressaltam que a tática de realização de paralisações por estaleiros, remete a uma experiência anterior, quando por meio dessa forma de pressão alcançavam vitórias por empresa, utilizando o primeiro acordo como referência para a luta da categoria.

No entanto, a direção do sindicato tentou dirigir o processo de negociação das pautas em cada estaleiro e segundo informes de membros da oposição chegou a assinar acordo com empresas sem a realização de assembleia. Outro elemento presente nas avaliações é a importância da mudança da direção do Sindicato. O então presidente teve de se retirar da diretoria por causa do desgaste político gerado por sua atuação na assembleia que deliberou pelo início da greve e por sua declaração durante a primeira audiência no TRT¹³ de que a greve seria ilegal. Quem assumiu seu lugar foi o secretário-geral integrante do FMM e tesoureiro da CNM-CUT¹⁴.

Após a greve de 2012, as assembleias da campanha salarial deixaram de ser unificadas, para serem realizadas nos estaleiros, nas quais trabalhadores são fotografados e coagidos tanto pelos patrões quanto pelo sindicato. Membros da oposição denunciam como prática corrente da direção solicitar aos seus aliados a assinatura em livro de presença para aprovar as propostas da diretoria. Mesmo assim, tais práticas não impediram os trabalhadores de se organizarem e fazerem novas paralisações, como a greve que ocorreu no estaleiro Brasa em abril de 2014.

Certamente, a greve pode ser considerada positiva, principalmente pela vitória política da organização e pela ruptura da base dos trabalhadores com a gestão do Sindicato. No que tange às conquistas da pauta de reivindicações, os profissionais

¹³ TRT - Tribunal Regional do Trabalho do Rio de Janeiro.

¹⁴ FMM: Fundo da Marinha Mercante; CNM-CUT: Confederação Nacional dos Metalúrgicos da CUT

também destacam que em 2012 o ganho real do reajuste salarial foi de 4,12%, diferente dos anos anteriores (em torno de 2%).¹⁵

Já a reflexão tecida pela atual direção do Sindicato dos Metalúrgicos de Niterói e Itaboraí revela que as conquistas de 2012 se deram graças à atuação do sindicato e sua campanha salarial, sendo a greve apenas um problema, uma confusão cuja função era atrapalhar a atuação da diretoria:

É sempre bom lembrar que não apenas trabalhadores compareceram à assembleia. Como se tratava de uma campanha salarial em pleno ano eleitoral no município como também no sindicato, vários ativistas partidários também pleitearam a participação. (...) Mesmo com o posicionamento do Sindicato contrário a proposta, a assembleia tomou outros rumos designados pelos então ativistas políticos que tentavam a todo custo tumultuar a campanha salarial dos metalúrgicos. O resultado de toda confusão foi uma greve da categoria que durou 15 dias.¹⁶

A conjuntura de 2012 e o desencadear da greve

Ao buscar apreender os principais determinantes sociais do processo grevista, devemos levar em consideração o contexto econômico e político no qual se insere: o investimento público na indústria naval, o expressivo aumento do número de trabalhadores no setor e sua concentração no estado do Rio de Janeiro, especialmente em Niterói; o relativo decréscimo da situação de desemprego no país; a experiência dos metalúrgicos com o sindicalismo de colaboração de classe; as tensões entre a diretoria e parte expressiva da categoria em face da disputa eleitoral e da campanha salarial em curso em 2012, bem como o expressivo aumento do número de greves no mesmo ano.

Como procuramos demonstrar, a área naval foi desativada por um largo período. Seu declínio começou a partir dos anos 80, em uma crise que teve impactos decisivos na economia. Nesse período ocorreram profundas alterações no setor repercutidas na constituição do mercado de trabalho, as quais provocaram alterações nas condições de trabalho da categoria e em seu processo organizativo. Também explicitamos que na iminência da exploração de petróleo da camada de pré-sal o governo federal assumiu o

¹⁵ Lutamos pela geração de empregos para aumentar os salários. *Jornal metalúrgico*, Niterói, 14 ago. 2012, p.1.

¹⁶ *Jornal Metalúrgico*, Niterói, 20 dez. 2012, p.2-3.

setor da indústria naval como estratégico e investiu vultosas somas de recursos públicos na área, pagos a juros baixos, com isenções de impostos, promessa de abertura de novos estaleiros e de retomada do emprego.

No entanto, as condições de trabalho são precárias. É exemplo desta assertiva a situação enfrentada pelos trabalhadores no seu cotidiano o acidente no estaleiro Mauá, em abril de 2012, no qual um trabalhador morreu imprensado por uma chapa de metal e outro ficou gravemente ferido.¹⁷ A terceirização também avançou no setor, acarretou baixos níveis salariais, ampliação da jornada de trabalho, crescimento da rotatividade e inadimplência de direitos trabalhistas.

Na análise do processo de deflagração da greve – a partir das reportagens, do acompanhamento das assembleias e das entrevistas realizadas – tem destaque a forte rejeição da categoria à diretoria do Sindicato, conforme ressaltado neste texto. Na eleição de 2008, a chapa de oposição organizada pela esquerda atingiu 46% dos votos na categoria. Houve indícios de fraude no pleito. Em junho de 2012, além da campanha salarial, estava em debate o processo eleitoral do sindicato, que deveria ter acontecido em fevereiro.

Além disso, o ano de 2012 foi marcado por um conjunto de paralisações no serviço público federal, impulsionadas pela greve nas universidades que durou quatro meses. O mesmo ocorreu no setor privado, incluindo bancários e operários da construção civil. Segundo o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-econômicos (DIEESE), foi o maior número de greves no país desde 1997, totalizando 873, e estaria relacionado ao baixo nível de desemprego. Aproximadamente 95% das negociações coletivas de 2012 terminaram com reajuste acima da inflação, enquanto em 2003 apenas 19% obtiveram tal efeito.¹⁸

¹⁷ Disponível em: <<http://www.ofluminense.com.br/editorias/cidades/acidente-mata-trabalhador-em-estaleiro-de-niteroi>>. Última visualização em 13 de fev. de 2015

¹⁸ Dados do DIEESE disponíveis em:

<http://www.dieese.org.br/balancodasgreves/2012/estPesq66balancogreves2012.pdf>

Ver também: <http://achadoseconomicos.blogosfera.uol.com.br/2013/05/23/pais-tem-maior-numero-de-greves-dos-ultimos-16-anos-diz-dieese/>

Ver:

http://www.correiocidadania.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=9641:submanchet e230514&catid=72:imagens-rolantes

Na indústria naval de Niterói a estimativa feita em setembro de 2012 era a de atingir meta de 70 mil empregos. Disponível em: <http://www.ofluminense.com.br/editorias/economia/oportunidade-mais-empregos-no-setor-naval-do-estado>

Os setores mais organizados da classe trabalhadora demonstraram seu protagonismo e prepararam o terreno para as lutas que viriam em 2013 – que abarcaram a indignação do resto da população com o aumento das passagens dos transportes, com a violência policial, a mídia empresarial, o sucateamento da saúde e da educação públicas.

Ainda não é possível afirmar que as greves de 2012 e de 2013 compõem um ciclo de lutas que rompem com a hegemonia do Partido dos Trabalhadores e da CUT no movimento sindical brasileiro e com a sua política de cooptação. Porém, é possível identificar elementos que apontam nessa direção.

As manifestações de junho de 2013 continham uma forte indignação, ainda que difusa, com a política neoliberal. Houve também nesse período greves de sindicatos combativos que contaram com o apoio da população. Diretamente vinculada a uma das pautas que marcaram os protestos de massa em junho, a greve do setor da educação básica no Rio de Janeiro, conseguiu aglutinar o sentimento da massa que veio a participar de seus protestos, reunindo 100 mil pessoas em apoio nas ruas do Centro do Rio de Janeiro. Foi uma greve importante para dar um recorte classista às “jornadas de junho” fortemente disputadas pela mídia burguesa desde o seu início.

Outra greve importante, forjada por rebelião de base, foi protagonizada pelos garis no carnaval de 2014 que contou com a solidariedade da população, apesar do incômodo do lixo nas ruas.

Resguardadas as particularidades, o que essas greves têm em comum é a crítica à diretoria dos sindicatos e o fato de contar com forte adesão da categoria e da população. Foi assim nas greves dos metalúrgicos, dos garis, do COMPERJ, entre outras. Em entrevistas, foi apontado que a greve dos metalúrgicos de Niterói estouraria independente da oposição, tal era a insatisfação desses trabalhadores. De fato, os metalúrgicos de base da categoria participaram ativamente do processo, em protestos, piquetes, vaiando a diretoria do Sindicato. Essa greve teve um diferencial político e organizativo crucial.

A vivência de luta no campo do sindicalismo combativo – palco de grandes enfrentamentos não apenas salariais, mas políticos à ditadura – confere aos metalúrgicos de Niterói uma experiência que lhes permite ser uma das primeiras categorias a fazer a reação à CUT. No entanto, o legado dessa tradição tão forte para militantes mais antigos deve ser relativizado, pois os trabalhadores que estão chegando agora aos estaleiros não possuem o mesmo acúmulo, o que não impossibilitou o processo de intenso

engajamento à greve e o confronto com postura da diretoria sindical burocratizada, pró-patronal.

Neste momento, a euforia com o setor naval começa a cessar. O acirramento da crise do capital, a redução do preço do petróleo que, segundo analistas, revela uma estratégia da Opep, cujo objetivo é forçar as grandes companhias a desistirem de investimentos de custo alto, como é o caso do investimento da Petrobras no pré-sal, bem como os escândalos de corrupção envolvendo setores do governo, empresários e a diretoria da Petrobrás provocam alterações substanciais neste quadro. Cerca de 20 mil trabalhadores já foram demitidos no Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco¹⁹ e a tendência é o aumento desses números. O movimento sindical combativo brasileiro tem muitos desafios à frente: a superação da hegemonia do sindicalismo de colaboração de classe e a construção de espaços unitários de organização dos trabalhadores que possam levar novamente as massas para as ruas com um projeto orientado pelos interesses da classe trabalhadora.

¹⁹ Disponível em: < <http://portosenavios.com.br/industria-naval-e-offshore/28276-sindicatos-calculam-mais-de-20-mil-demissoes-em-estaleiros>> Acesso em 27 jul. 2014.

Apêndice:

Tabela 1- Estaleiros no Brasil: investimentos priorizados pelo FMM²⁰

TABELA 2 ESTALEIROS NO BRASIL – INVESTIMENTOS PRIORIZADOS PELO FMM

Ano	Nova planta		Ampliação		Modernização		Total	
	Projetos	Valor (US\$)	Projetos	Valor (US\$)	Projetos	Valor (US\$)	Projetos	Valor (US\$)
2005	4	432.154.126,68	0	-	1	1.173.036,64	5	433.327.163,32
2006	3	241.670.548,75	0	-	0	-	3	241.670.548,75
2007	0	-	0	-	1	64.355.397,09	1	64.355.397,09
2008	0	-	0	-	2	145.492.000,84	2	145.492.000,84
2009	11	1.950.272.484,28	1	68.860.573,62	0	-	12	2.019.133.057,90
2010	0	-	0	-	0	-	0	-
2011	8	2.722.600.426,48	3	500.445.841,53	1	27.264.629,54	12	3.250.310.897,55
2012*	2	25.596.437,85			1	42.970.361,67	3	68.566.799,52
TOTAL	28	5.372.294.024,04	4	569.306.415,15	6	281.255.425,78	38	6.222.855.864,97

Fonte: Elaboração BNDES, com base em dados do CDFMM/MT.

* Dados até abr. 2012.

²⁰Disponível

em:

<http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/livro60anos_perspectivas_setoriais/Setorial60anos_VOL1ConstrucaoNaval.pdf> Acesso em 15 de jul. 2014

Fontes:

Entrevistas:

BATISTA Jr, J. Depoimento. 06 fev. 2015. Niterói. Entrevista concedida a Lilian Matias.

CARVALHO, P. Depoimento. 04 fev. 2015, Niterói. Entrevista concedida a Lilian Matias.

Jornais sindicais e panfletos:

MOTTA, R. Greve, demissões e muita mobilização marcam mais um capítulo de luta dos metalúrgicos de Niterói e Itaboraí, São Gonçalo, 13 jul. 2012. Disponível em: <<http://www.pstu.org.br/conteudo/greve-demiss%C3%B5es-e-muita-mobiliza%C3%A7%C3%A3o-marcam-mais-um-cap%C3%ADtulo-de-luta-dos-metal%C3%BArgicos-de>> Visualizado em 08/02/15.

Metalúrgicos de Niterói atropelam diretoria do sindicato, entram em greve e realizam passeata, 31 mai. 2012. Disponível em: <<http://www.pstu.org.br/conteudo/metal%C3%BArgicos-de-niter%C3%B3i-atropelam-diretoria-do-sindicato-entram-em-greve-e-realizam>>. Visualizada em 08/02/15.

Greve dos metalúrgicos: em audiência de conciliação, juiz estabelece retomada das negociações, 05 jun. 2012. Disponível em: <<http://cspconlutas.org.br/2012/06/greve-os-metalurgicos-em-audiencia-de-conciliacao-juiz-determina-que-sindicato-retome-as-negociacoes/>> Visualizado em 08/02/15.

Moção Contra Demissões no Estaleiro Mauá (RJ), 21 ago. 2012. Disponível em: <<http://cspconlutas.org.br/2012/08/mocao-contra-demissoes-no-estaleiro-maua%E2%80%8F-rj/>> Visualizado em 08/02/15.

Metalúrgicos de Niterói e Itaboraí contrariam direção do sindicato e continuam em greve – Direção do sindicato, ligado à CUT, não consegue segurar a greve e agora joga para que ela seja declarada abusiva pela Justiça. Disponível em: <<http://psturio.blogspot.com.br/2012/05/metalurgicos-de-niteroi-e-itaborai.html>> Visualizado em 08/02/15.

Metalúrgicos de Niterói: após audiência, patronal não oferece proposta e greve se fortifica, 06. Jun. 2012. Disponível em: <http://www.intersindical.inf.br/noticias_det.php?id=731> Visualizado em 08/02/15.

Metalúrgicos de Niterói seguem firmes na luta e decidem manter greve – Na última audiência não houve sequer proposta. Nova assembleia está agendada para sexta-feira, 13 mai. 2012. Disponível em: <http://www.intersindical.inf.br/noticias_det.php?id=738> Visualizado em 08/02/15.

Greve, demissões e muita luta marcam mais um capítulo dos metalúrgicos de Niterói e Itaboraí, 17 jul. 2012. Disponível em: <<http://cspconlutas.org.br/2012/07/greve-demissoes-e-muita-mobilizacao-marcam-mais-um-capitulo-de-luta-dos-metalurgicos-de-niteroi-e-itaborai/>> Visualizado em 08/02/15.

Jornal Metalúrgico, 31 jul. 2012. Disponível em: <<https://www.yumpu.com/pt/document/view/12923155/arquivo-pdf-cnm-cut>> Visualizado em 09/02/15.

Jornal Metalúrgico, 20 dez. 2012. Disponível em: <<https://www.yumpu.com/pt/document/view/12513046/sindicato-faz-balanco-de-2012-e-renova-compromisso-cnm-cut>> Visualizado em 09/02/15.

Jornal metalúrgico, Niterói, 14 ago. 2012.

A luta dos trabalhadores arranca conquistas de verdade e desmascara a direção traidora do Sindicato. Panfleto da *chapa 3 SOS Metalúrgicos Oposição*.

Notícias:

BRAGA, D. Metalúrgicos do Barreto em greve – Eles estão insatisfeitos com propostas. *O Fluminense*, Niterói, 03 jul. 2012. Disponível em: <<http://www.ofluminense.com.br/editorias/cidades/metalurgicos-do-barreto-em-greve>> Visualizado dia 07/02/15.

BRAGA, D.; SAMPAIO, J. Metalúrgicos em greve comandam novo protesto no centro de Niterói – Manifestantes fecharam a Rua Barão do Amazonas pela manhã e trânsito

ficou confuso no Centro de Niterói. Assembleia aconteceu no Simerj e grevistas preparam novas ações. *O Fluminense*, Niterói, 06 jun. 2012. Disponível em: <<http://www.ofluminense.com.br/editorias/cidades/trabalhadores-da-industria-metalurgica-continuam-greve-e-fazem-protesto-no-centro>> Visualizado em 07/02/15.

CRESPO, G. Número de Greves no país em 2012 é o maior em 16 anos, 23 mai. 2013. Disponível em: < <http://achadoseconomicos.blogosfera.uol.com.br/2013/05/23/pais-tem-maior-numero-de-greves-dos-ultimos-16-anos-diz-dieese/>> Visualizado em 09/02/15

LIMA, T. Metalúrgicos de estaleiros de Niterói de braços cruzados. *Brasil de Fato*, São Paulo, 14 a 20 de jun. de 2012, p.4

LOPES, B. Grevistas buscam novo acordo. Metalúrgicos entregaram contraproposta ao Sinaval e decidem rumo da paralisação em assembléia amanhã. *O Fluminense*, Economia, Niterói/RJ, 14 jun. 2012, p.7

LOPES, B.; SAMPAIO, J. Greve: metalúrgicos realizam nova assembleia no Centro de Niterói – Trabalhadores fazem reunião de conciliação e voltam a reivindicar aumento salarial, correção no valor do vale refeição e outros benefícios. Paralisação dura quase 2 semanas. *O Fluminense*, Niterói, 11 jun. 2012. Disponível em: < <http://www.ofluminense.com.br/editorias/cidades/metalurgicos-realizam-assembleia-no-centro-de-niteroi>> Visualizado em 07/02/15.

MEIRELES, N.; LOPES, R. Metalúrgicos em estado de greve – Negociações não avançaram. *O Fluminense*, Cidades, Niterói, 22 jun. 2012, p.3.

SAMPAIO, J. Protesto complica o trânsito – Metalúrgicos, há uma semana em greve, realizam nova manifestação. *O Fluminense*, Cidades, Niterói, 07 jun. 2012, p.3

_____. Metalúrgicos protestam pelo centro de Niterói – Trabalhadores da indústria metalúrgica entram em greve e quatro estaleiros da cidade têm atividades suspensas. Duas pessoas foram detidas durante manifestação em frente a sindicato. *O Fluminense*, Niterói, 31 mai. 2012. Disponível em: <<http://www.ofluminense.com.br/editorias/cidades/trabalhadores-da-industria-metalurgica-ocupam-ruas-do-centro>> Visualizado em: 07/02/15.

_____. Metalúrgicos de Niterói voltam a protestar no Centro da Cidade – Manifestação continua e cerca de 3 mil trabalhadores já ocuparam as ruas em frente ao sindicato. Reunião de conciliação entre as partes no Ministério do Trabalho será na terça. *O Fluminense*, Niterói, 01 jun. 2012. Disponível em: <<http://www.ofluminense.com.br/editorias/cidades/metalurgicos-protestam-mais-uma-vez-no-centro-de-niteroi>> Visualizado em: 07/02/15.

_____. Metalúrgicos de Niterói e Itaboraí anunciam que paralisação continuará – Categoria planeja manifestação em frente à estação das Barcas na terça-feira e também protestar em sede do sindicato no Rio. Protesto é mediado por deputada estadual. *O Fluminense*, Niterói, 04 jun. 2012. Disponível em: <<http://www.ofluminense.com.br/editorias/cidades/metalurgicos-de-niteroi-e-itaborai-anunciam-que-pretendem-manter-greve>> Visualizado dia 07/02/15.

_____. Greve está suspensa, mas ainda pode voltar – Paralisação pode voltar caso metalúrgicos não tenham resposta positiva do Sinaval. *O Fluminense*, Niterói, 19 jun. 2012. Disponível em: <<http://www.ofluminense.com.br/editorias/cidades/greve-esta-suspensa-mas-ainda-pode-voltar>> Visualizado dia 07/02/15.

_____. Ganhos para os metalúrgicos. *O Fluminense*, Niterói, 06 jul. 2012. Disponível em: <<http://www.ofluminense.com.br/editorias/cidades/ganhos-para-metalurgicos>> Visualizado dia 07/02/15.

SAMPAIO, J.; VIEIRA, L. Greve dos metalúrgicos de Niterói continua até a próxima segunda-feira – Audiência de conciliação no Tribunal Regional do Trabalho fracassa e trabalhadores prometem continuar com o movimento até a próxima reunião, na semana que vem. *O Fluminense*, Niterói, 05 jun. 2012. Disponível em: <<http://www.ofluminense.com.br/editorias/cidades/trabalhadores-da-industria-metalurgica-vaio-ate-o-centro-do-rio-para-protestar>> Visualizado em: 07/02/15.

SARANDY, H. Metalúrgicos dos estaleiros de Niterói iniciam greve após assembleia – Paralisação por tempo indeterminado foi decidida após votação dos trabalhadores. Trabalhadores reivindicam reajuste salarial, PLR, e maior segurança no trabalho. *O Fluminense*, Niterói, 31 mai. 2012. Disponível em: <<http://www.ofluminense.com.br/editorias/cidades/metalurgicos-dos-estaleiros-de-niteroi-iniciam-greve-apos-assembleia>> Visualizado em 08 fev 2015.

Suspensa greve nos estaleiros – Metalúrgicos e patrões negociam. *O Fluminense*, Niterói, 16 jun. 2012. Disponível em: <<http://www.ofluminense.com.br/editorias/cidades/suspensa-greve-nos-estaleiros>> Visualizado em 07/02/15.

Empregos no setor naval garantem boas oportunidades – Indústria deve gerar 8 mil vagas diretas no Rio nos próximos meses. É preciso qualificação profissional. Curso técnico ou profissionalizante é uma pré-graduação. *O Fluminense*, Niterói, 08 set. 2012. Disponível em: < <http://www.ofluminense.com.br/editorias/economia/opportunidade-mais-empregos-no-setor-naval-do-estado>> Visualizado em: 10/02/15.

Estaleiros niteroienses decidem suspender recente onda de demissões – Acordo entre sindicatos referentes à categoria põe fim à paralisação dos metalúrgicos que garante a anulação de demissão por justa causa de 35 trabalhadores. *O Fluminense*, Niterói, 13 jul. 2012. Disponível em: <<http://www.ofluminense.com.br/editorias/cidades/estaleiros-da-cidade-de-niteroi-suspendem-recente-onda-de-demissoes>> Visualizado em 02/02/15.

Indústria deve gerar 8 mil vagas diretas no Rio nos próximos meses. É preciso qualificação profissional. Curso técnico ou profissionalizante é uma pré-graduação, 10 set. 2012. Disponível em: < <http://www.fonseca.soumaisniteroi.com.br/noticias/55-estado/1645-opportunidade-mais-empregos-no-setor-naval-do-estado.html>> Visualizado e, 15/07/14.

Bibliografia:

ANTUNES, R. *O novo sindicalismo*. São Paulo: Brasil Urgente, 1991.

CETEP “Navegar é preciso: uma breve história da indústria naval em Niterói”. Niterói, 1999 – Acervo do Centro de Memória Fluminense.

COSTA, R; PIRES, V.; LIMA, G. Mercado de Embarcações de apoio marítimo às plataformas de petróleo: oportunidades e desafios. Disponível em: <http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/bnset/set2805.pdf> Visualizado em: 15/07/14

C.N.N. Costeira-A.F. Os estaleiros da Ilha do Viana, dezembro 1960 – Acervo do Centro de Memória Fluminense.

DORES, P.; LAGE, E.; PROCESSI, L. A Retomada da Indústria Naval Brasileira. Disponível em:

<http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/livro60anos_perspectivas_setoriais/Setorial60anos_VOL1ConstrucaoNaval.pdf> Visualizado em: 15 jul. 2014.

ESTUDOS E PESQUISAS – Balanço das greves em 2012. Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Sócio-Econômicos, mai. 2013. Disponível em: <<http://www.dieese.org.br/balancodasgreves/2012/estPesq66balancogreves2012.pdf>> Visualizado em 09/02/15.

KAPPEL, R. et al. *Portos Brasileiros, novo desafio para a sociedade*. Disponível em: <http://www.sbpcnet.org.br/livro/57ra/programas/CONF_SIMP/textos/raimundokappel.htm> Visualizado em: 11/04/13

LACERDA, Sandes Magalhães. Oportunidades e Desafios da Indústria de Construção Naval. *Revista do BNDES*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 20, dez.2003.

MATTOS, M. *Novos e Velhos Sindicalismos - Rio de Janeiro (1955-1988)*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura,1998.

_____. Greves no Brasil: o despertar de um novo ciclo de lutas? 23, mai. 2014. Disponível em:

<http://www.correiocidadania.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=9641:submanchete230514&catid=72:imagens-rolantes> Visualizado em 10/02/15

PASIN, Jorge Antonio Bozoti. Indústria Naval do Brasil: Panorama, Desafios e Perspectivas. *Revista do BNDES*, Rio de Janeiro, v. 9, n.18, 2002.

PESSANHA, E. *Operários navais – trabalho, sindicalismo e política na Indústria Naval do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7letras, 2012.

PINTO, M. Sindicato cidadão: Ressignificação do método de luta dos trabalhadores. Disponível em:

<<http://libertas.ufjf.emnuvens.com.br/libertas/article/viewFile/1842/1291>> Visualizado em: 08/02/15.

REVISTA FATOR. Disponível em: <www.revistafator.com.br> Visualizado em 15/07/14.

SOUZA, Julia Gomes. Indústria da construção naval e neoliberalismo no Brasil: primeiras aproximações. Disponível em: http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/v16_julia1_GVI.pdf Visualizado em: 11/04/13.

FATOS E DADOS. Disponível em: <<http://fatosedados.blogspotrobras.com.br/2011/03/25/promef-transpetro-recebe-propostas-construcao-navios/>> Visualizado em: 15/07/14.

NavalShore – Exploração de óleo e gás dá novo impulso à indústria naval. *Petróleo Energia*. Disponível em:

<<http://www.petroleoenergia.com.br/petroleo/3811/navalshore-exploracao-de-oleo-e-gas-da-novo-impulso-a-industria-naval/>> Visualizado em 15 jul. 2014.

Indústria Naval está preparada pra crescer, diz Abenav. *Portos e Navios*, 09 jul. 2012. Disponível em: < <http://www.portosenavios.com.br/industria-naval-e-offshore/15166-industria-naval-esta-preparada-para-crescer-diz-abenav>> Visualizado em 15 jul. 2014

Sindicatos calculam mais de 20 mil demissões em estaleiros. *Portos e Navios*, 23 fev. 2015. Disponível em: <<http://portosenavios.com.br/industria-naval-e-offshore/28276-sindicatos-calculam-mais-de-20-mil-demissoes-em-estaleiros>> Visualizado em 27/02/15.